

Prisão na eternidade

Ana Beatriz Primo da Silva¹

RESUMO

Essa poesia foi escrita em setembro/2021 em um exercício de reflexão sobre as perdas durante a pandemia da COVID-19. Com o intuito de participar do Concurso Cultural Unifesp Mostra sua arte - Cultura e Memória, edital nº 448/2021, resolvi propor o meu texto para análise. Em outubro/2021 minha poesia foi votada com vencedora do Concurso supracitado. É com muita alegria que posso compartilhar minhas produções artísticas com o público da universidade, bem como com o público fora do âmbito acadêmico. Perpassando as barreiras do sensorial e passando pela emoção de viver e sentir essa pandemia devastadora e repleta de luto, a escrita tem sido um refúgio. Espero que a comunidade leitora possa se sentir tocada e abraçada virtualmente com esse pedaço de mim.

1º lugar no concurso “Mostra sua Arte”, com o tema “Cultura e Memória”, em 2021, realizado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Palavras-chave: poesia; concurso; cultura; memória; pandemia; COVID-19.

Prisão na eternidade

Vida que não mais virá
Não mais andaré
Não mais visitará
Não mais será
Não mais existirá.

¹ Estudante de Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal de São Paulo, pesquisadora sobre o hip-hop nacional e latino-americano e poetisa há 7 anos. Beatriz.primo@unifesp.br.



Vida que não mais morrerá.
Que se perdera,
E se afugenta por entre
Os devaneios do não ser.

Vida que se salva?
Vida que se liberta?
Vida que é tirada,
Arrancada,
Violentada,
Massacrada.

Vida linda que é
E só é
Parte
De algo maior
Que qualquer poemazinho
Que um dia escreverei.

Vida que não se vai
Como Ismália.
Que se afoga nas memórias
Dos que permanecem aqui
Mas que se vão
Na mesma intensidade do seu ruflo.

Vida que não se foi como sopro
Que foi gigante
E que não mais dançará
Nem irá cantar,
Com a felicidade
De quem vai morrer no dia seguinte.

Vida que nem palavras,
Nem fatos,
Nem ações,



Nem reações,
Nem mobilizações,
Nem manifestações,
Nem vinganças,
Nem julgamentos,
Serão capazes de acalantar.

Pois não há nesse mundo
Uma fonte capaz
De alforriar
A vida que agora fora presa
Para sempre na eternidade.

Para sempre na lembrança,
Para sempre na constância,
Para sempre nessas palavras
Que se encerram aqui
E que iniciam agora
Em sua boca.

